

Gustave Geley

# A REENCARNAÇÃO

RESPOSTA À ENQUETE CALDERONE



Autores Espíritos Clássicos

LUZ ESPÍRITA

***A REENCARNAÇÃO***  
***Resposta à Enquete Calderone***

**Gustave Geley**

Publicação original:

***Enquête Calderone.***

***La Réincarnation, d'après le docteur Gustave Geley***

Les Éditions Jean Meyer (B.P.S.)

© 1929 – Paris, França

Fonte: [Gallica](#)

Tradução: Ery Lopes

Revisão: Wanderlei dos Santos

2021 - São Paulo

Distribuição gratuita:

***Autores Espíritos Clássicos***

***Portal Luz Espírita***



Autores Espíritos Clássicos



[www.luzespirita.org.br](http://www.luzespirita.org.br)

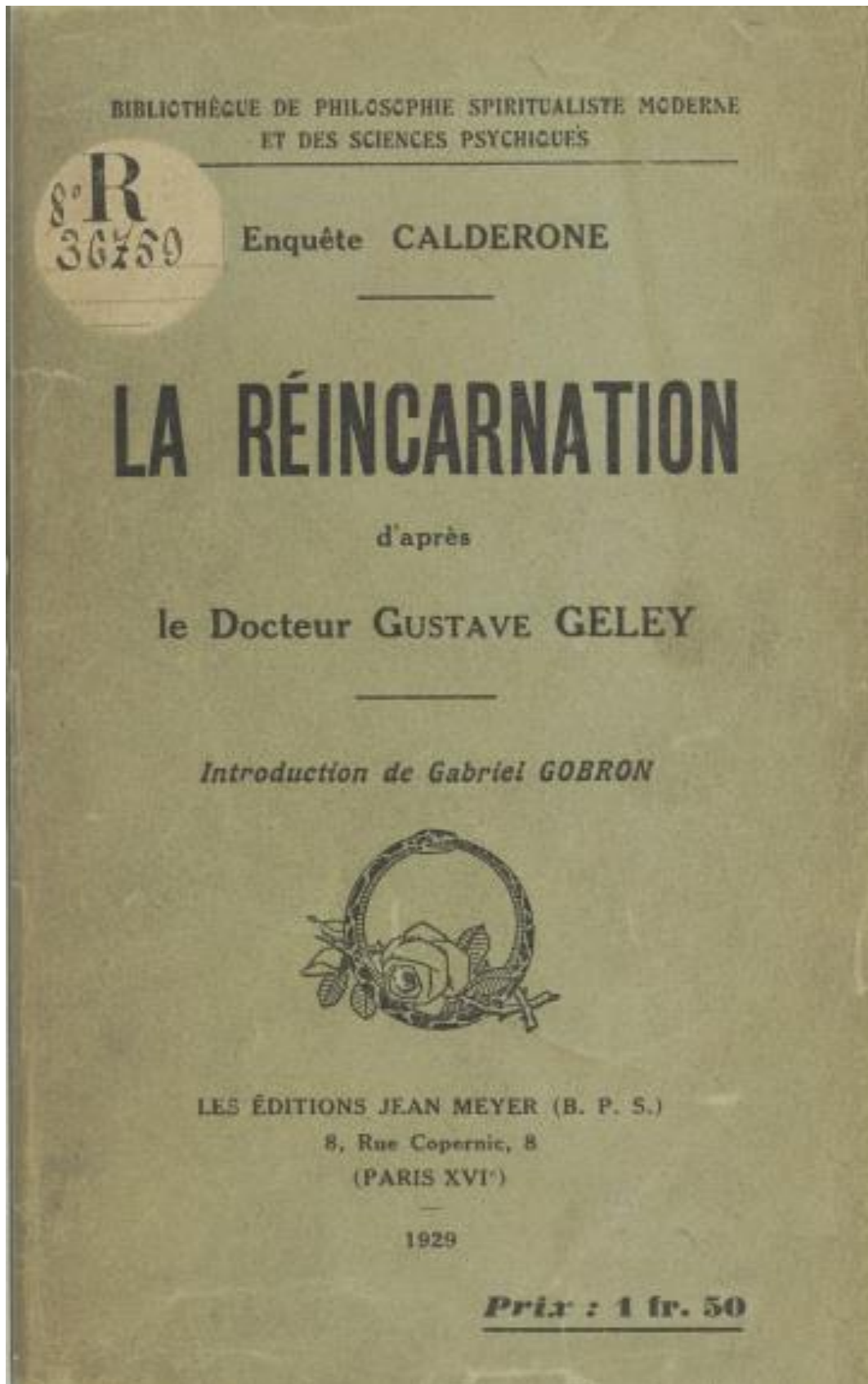
**Gustave Geley**

**A**  
***REENCARNAÇÃO***  
**RESPOSTA À ENQUETE CALDERONE**

**Edições Jean Meyer**  
Paris, 1929

Tradução: **Ery Lopes**  
São Paulo, 2021





Capa da publicação original

Fonte: [Gallica](#)

# Sumário

Reencarnação e os Testemunhos da História – *pág. 6*

Resposta do Dr. Gustave Geley – *pág. 11*

Opiniões expressas na investigação sobre  
a Reencarnação do Dr. Calderone – *pág. 38*

# Reencarnação e os Testemunhos da História

*As páginas seguintes contêm as opiniões sobre a reencarnação do Doutor Gustave Geley, ex-diretor do Institut Métapsychique International de Paris [Instituto Metapsíquico Internacional de Paris] (Fundação Jean Meyer), do Sr. J. Emile Marcaut, um dos mais ilustres membros da Société Théosophique de France [Sociedade Teosófica da França], e de diversas personalidades de todo o mundo.*

*O Doutor Innocenzo Calderone, diretor-fundador da revista Filosofia della Scienza [Filosofia da Ciência] (Palermo), autor da obra Libero Arbitrio [Livres Arbitrio], Determinismo, Rincarnazione [Reencarnação] (Palermo, 1912), havia publicado em 1913, em Milão, os resultados de uma vasta pesquisa Internacional sobre a reencarnação (texto em italiano). Mas o cataclismo mundial de 1914-1918 não permitiu que o público parasse para meditar sobre este notável documento, uma verdadeira sondagem da alma contemporânea, que provou o quanto o pensamento moderno se comunicava com o pensamento antigo na verdade serena e eterna da necessidade de vidas sucessivas.*

*É para reparar um pouco esse injusto descuido que reunimos um pouco mais adiante, além da resposta do Dr. Geley a esta pesquisa italiana, trechos de outras respostas recebidas pelo Dr. Calderone.*

*O Doutor Gustave Geley, que morreu tragicamente em um*

*acidente de avião, é muito conhecido na França e no exterior para que seja necessário apresentá-lo longamente. O Dr. Calderone não hesita em colocar o autor desta verdadeira Bíblia da Reencarnação: Do Inconsciente ao Consciente (Alcan, Paris) ao mesmo lado de Myers, “o Copérnico do Espiritismo Experimental”, segundo a justa palavra do Professor Flournoy, da Universidade de Genebra. Do Inconsciente para o Consciente foi traduzido para várias línguas; o seu sucesso está ganhando força; esta substancial obra nada tem em comum com aqueles livros de efêmeros sucesso, que são tão rapidamente esquecidos, como observou La Bruyère, como os almanaques de um ano para o outro.*

*O tempo empurra as obras frágeis para o esquecimento e coroa as obras sólidas.*

*A crença na evolução palingenésica — ideia central de o Inconsciente ao Consciente — é uma ideia tão antiga quanto o mundo e de uma ardente atualidade. A investigação do Doutor Calderone que não nos revelou ontem que vários membros bastante influentes do clero italiano e polonês haviam aderido publicamente à doutrina das vidas sucessivas? Citemos, entre outros, o Monsenhor Puecher Passavali, da Ordem dos Capuchinhos, Pregador Apostólico da Santa Sé, Vigário da Basílica de São Pedro em Roma; o famoso prelado Towianski; os Senhores Falcowski e Baycowski etc. E personalidades italianas, bem conhecidas no mundo católico, não morreram eles crendo na doutrina das reencarnações? Citemos, por exemplo, o Senador e Presidente da Corte Suprema de Cassação, Tancredi Canonico.*

*Assim, essas personalidades do mundo católico moderno redescobriram a crença tão lógica e tão consoladora que havia encantado, em suas épocas, os Pais da Igreja, como Jamblique,*

*Orígenes. São Jerônimo, São Clemente de Alexandria São Gregório de Nissa, São Panfile, São Girolamo etc...*

*A crença na transmigração das almas está ligada a uma tradição cujo fio de ouro, através das vicissitudes da história e a crise do espírito de períodos carnavais, pode ser seguida após mais de sessenta séculos.*

*A reencarnação (por vezes apresentada às pessoas comuns sob o aspecto de metempsicose) encontra-se na origem do bramismo e se torna a pedra angular para o pagode budista. Ela é a alma das civilizações antigas: o samsara hindu torna-se ou é o kakoro nipônico, o mistério órfico e pitagórico, a viagem às terras divinas da religião egípcia, o aleen T' gilgulah dos Hebreus, o ciclo de Abred dos Celtas, a metempsicose pagã, os renascimentos dos antigos alemães (de acordo com a obra de Guido von Lizts), a religião da luz com suas vias aéreas dos maniqueus, etc.*

*O mundo antigo estremeceu com essa divina esperança dos múltiplos renascimentos. E é um fato perturbador que não apenas o Cristo não pronunciou uma única palavra contra a doutrina palingenésica, mas, ao contrário, fez reflexões que não podem ser fielmente interpretadas senão de um sentido favorável. É isso o que entenderam os eclesiásticos romanos como o Arcebispo Passavali; os prelados poloneses Towianski, Falcowski, Baycowski; o abade Alia que nos apresenta São Paulo crendo na doutrina das vidas sucessivas.*

*As civilizações primitivas — como fielmente as constataram Espíritos tão opostos como o sociólogo Durckheim e Monsenhor le Roy, Arcebispo de Carie, Superior General dos Pais do Santo Espírito — criam nas transmigrações da alma, todos como os 350 milhões de asiáticos, todos como os teosofistas, os ocultistas, os espíritas, difundidos hoje sobre todos os cantos do mundo.*



*Se quiséssemos mencionar somente os nomes de todos aqueles que, na história moderna e contemporânea, se afastaram, como que por blasfêmia, da ideia das penas eternas para aderir à lógica pungente e à serena equidade da doutrina de vidas sucessivas, seriam necessários livros inteiros.*

*Nesta sociedade melhores espíritos de todos os séculos e de todos os países, é-nos doce citar os nomes de todos os pioneiros do espiritismo: Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Dr. Gustave Geley, sem falar de todos aqueles, vivos, que se propuseram a reconquistar o mundo para a grande verdade eterna, feita de luz e esperança, clareza e amor.*

**Gabriel GOBRON,**  
*Licenciado em letras.*

Para os leigos que desejam estudar seriamente o problema da reencarnação, recomendamos, a título puramente indicativo e não limitativo: *O Problema do Ser e do Destino* (Léon Denis); *A Reencarnação* (Gabriel Delanne); *A Reencarnação* (Irving S. Cooper); *Do Inconsciente ao Consciente* (Dr. Gustave Geley), *Os Grandes Iniciados* (E. Schuré); *Por que sou budista* (Sr. Magre).



Dr. Gustave Geley (1865-1924)

# Resposta do Dr. Gustave Geley

Annecy, julho de 1912.

Meu caro amigo,

A enquete que vossa feliz iniciativa promoveu a respeito da ideia reencarnacionista seria de um imenso interesse, diante da indiferença, da ignorância ou da hostilidade preconcebida que ela encontra tão frequentemente, se ela pudesse ser levado a bom termo.

Seria preciso, para tal, que as pessoas, sábios, pensadores ou filósofos, dos quais pedistes a opinião, se dessem o trabalho de fornecer uma resposta estudada e refletida de uma parte, curta e, entretanto, completa de outra.

São, infelizmente, condições difíceis: os vossos colaboradores eventuais, que não conhecem, conhecem mal ou desconhecem a doutrina palingenésica, não farão talvez todos os esforços necessários para se documentarem seriamente ou para responderem imparcialmente.

Quanto aos partidários desta doutrina, terão muito trabalho em condensar, sem muito enfraquecer, nos limites forçosamente restritos da enquete, os argumentos tão numerosos que alegam em favor das suas ideias, em todas as formas do conhecimento humano. Pessoalmente me sinto, vô-lo confesso, particularmente

embaraçado:

Minha opinião, já a exprimi em numerosas publicações, entre as quais várias obras de fundo. Não quero certamente hoje furtar-me ao vosso lisonjeador apelo; mas me desculpo desde já pelo fato de me ser impossível deixar de repetir e de ter pouco a acrescentar aos argumentos conhecidos.

Examinando as diversas questões que vós nos fazeis, esforçar-me-ei para não me esquecer de uma só delas; porém não me esforçar para estudá-las na ordem estabelecida. Peço-vos deixar-me desenvolver meu pensamento livremente e à minha vontade.

Vós o sabeis, meu caro amigo, que sou reencarnacionista. E o sou por três razões:

Porque a doutrina palingenésica me parece, ***do ponto de vista moral, plenamente satisfatória; do ponto de vista filosófico, absolutamente racional, e finalmente, do ponto de vista científico, verossímil e, melhor ainda, provavelmente verdadeira.***

É, pois, sob este tríplice ponto de vista — moral, filosófico e científico — que devo analisá-la e comentá-la.

**A moral palingenésica** é muito conhecida para que necessite aqui de uma explanação detalhada.

Ela tem por base a célebre fórmula: *justiça imanente*. A justiça imanente é o resultado do jogo normal e regular da vida terrena.

O ser, não sendo senão o que ele próprio se fez, durante o curso de sua evolução, na série das suas existências sucessivas, resulta daí que sua inteligência, seu caráter, suas faculdades, seus instintos bons e maus são sua própria obra. Ele traz, pois, infalivelmente, as suas próprias consequências.

Cada um de seus atos, seus trabalhos, seus esforços, suas tristezas, suas alegrias e seus sofrimentos, seus erros e suas faltas, tudo isso tem uma repercussão fatal, reações inevitáveis em uma ou outra de suas existências.

Não há, portanto, necessidade de julgamento divino, nem de sanções sobrenaturais. Como se diz muito acertadamente, o indivíduo é recompensado ou punido não porque fez, mas simplesmente por aquilo que fez.

A sanção natural da palingenesia não é, obviamente, unicamente pessoal; ela é também coletiva, estendendo-se a uma família, a um povo, a uma raça etc., pois que uma solidariedade estreita une necessariamente grupos de seres aproximados em uma ou várias existências. A justiça imanente começa a manifestar-se mais frequentemente no decurso de uma existência terrena, tomada isoladamente; mas então, é bem raro que ela seja verdadeiramente equitativa; encarada de uma maneira tão restrita, ela parece geralmente falível e eminentemente desproporcionada.

Ao contrário, numa série suficientemente longa de encarnações, ela se torna perfeita, matematicamente perfeita; os acasos felizes ou infelizes se contrabalançam e não fica mais, como resultado certo, senão o produto de nossa conduta.

A moral palingenésica repousa, como se vê, sobre uma admirável base de clareza e simplicidade.

Concebemos logo as suas consequências práticas. Ela impõe, antes de tudo, o trabalho e o esforço; não o esforço isolado, a luta pela vida egoísta, mas o esforço solidário, porque tudo que favorece ou retarda a evolução alheia e a evolução geral favorece ou retarda a de um membro qualquer da coletividade.

Os sentimentos baixos e inferiores, o ódio, o espírito de

vingança, o egoísmo e o ciúme são incompatíveis com esta noção de evolução solidária e da justiça imanente. É absolutamente natural que o reencarnacionista elevado evite todo o ato nocivo a outrem e o ajude na medida de seus recursos.

Confiando na sanção natural, ele perdoará sem sacrifício as maldades de que foi vítima. Não verá, além disso, nos imbecis, nos perversos ou nos criminosos senão seres inferiores, quando não enfermos.

Saberá resignar-se às desigualdades naturais e passageiras, resultados da lei do esforço individual na evolução; mas ele fará o seu possível para levar à supressão de desigualdades desproporcionais, de divisões fictícias, de preconceitos prejudiciais.

Estenderá, enfim, sua bondade e sua piedade até aos animais, aos quais evitará, o máximo possível, o sofrimento e a morte.

Têm-se feito algumas objeções à moral palingenésica. Estas objeções, fora do ponto de vista filosófico ou científico que examinaremos mais adiante, são as seguintes:

*Diz-se que o esquecimento das existências anteriores suprime as supostas sanções.*

Como será isto possível? O esquecimento de um fato não suprime as conseqüências desse mesmo fato.

De resto, o esquecimento não é completo, nem definitivo, mas bem relativo e momentâneo.

O esquecimento desaparece verdadeiramente entre os seres suficientemente evoluídos, durante as fases da desencarnação. Esses têm, então, a consciência mais ou menos nítida do passado, a noção do caminho percorrido, a previsão das conseqüências futuras, boas ou más, de suas ações. Podem assim preparar, na

medida em que lhes permite o seu grau de evolução, sua próxima encarnação nas mais favoráveis condições.

Ademais, o esquecimento não é definitivo. Ele é atualmente indispensável ao ser, como o é a própria morte, para forçá-lo a um trabalho constante, a experiências múltiplas, a um contínuo desenvolvimento nas e pelas mais diversas condições. Ele é também necessário para evitar ao Indivíduo ser angustiado pela memória do passado, como, por exemplo, pelas recordações de uma existência feliz ou os remorsos de uma vida atormentada ou criminosa.

Conceba-se, ao contrário, que, numa fase superior, o esquecimento, agora inútil e nocivo, não mais exista. Desde então, o passado inteiramente conservado na consciência superior, se tornará pouco a pouco acessível em toda a sua integridade. O consciente e o subconsciente não serão mais isolados e distintos; tudo o que contém este último (memória do passado ou faculdades transcendentais) será acessível ao ser, direta, regular e normalmente.

Uma outra objeção feita à teoria palingenésica se baseia na existência da dor entre os seres menos evoluídos para que ela possa ser considerada como uma sanção: "Que crime, pergunta-se, teria podido cometer, numa existência anterior, um cavalo castigado com pancadas por um bruto alcoolizado ou um cão torturado por um vivisector?"

Há neste raciocínio um erro fundamental: o mal não é necessariamente a sanção do passado. É, ao contrário, bem mais frequentemente no estágio evolutivo atual, a consequência do nível inferior geral deste estágio evolutivo. Ver sistematicamente no sofrimento de um ser qualquer a consequência de atos anteriores

seria então, para os reencarnacionistas, uma grosseira falta de lógica. O que é permitido afirmar, ao contrário, é que a sanção verdadeira, aquela da justiça imanente, é sempre rigorosamente proporcional ao grau de livre arbítrio, quer dizer, ao nível da elevação intelectual e moral do Ser.

Essa sanção só pesa sobre os seres suficientemente adiantados. Pesa tanto mais quanto mais evoluídos eles sejam, pois que, com toda a certeza, sua conduta refletida terá, na proporção de sua elevação, uma influência cada vez maior sobre o seu progresso, sobre a sua condição de vida.

Passo agora ao exame da **filosofia palingenésica**.

Essa filosofia, menos familiar e mais abstrata que a moral, é mais frequentemente desconhecida. Não é, entretanto, menos satisfatória.

Pode-se condensá-la numa frase, dizendo que ela *suprime todas as dificuldades opostas ao idealismo pelo materialismo, todas as objeções feitas, em nome da lógica, à noção da sobrevivência*.

A primeira grande objeção feita, em todos os tempos, às esperanças do idealismo tradicional, repousa na *constatação do mal*. Conta-se que os japoneses respondiam assim aos primeiros missionários cristãos, que se esforçavam para lhes converter:

"Como creremos nós naquilo que vós nos dizeis de atributos da divindade? De duas coisas, uma: ou Deus realmente não quis impedir o mal ou realmente não o pôde. Se não o quis, é porque não é soberanamente bom; se não o pôde, é porque não é todo poderoso!" Este raciocínio natural é, na realidade, irrefutável, a despeito de todas as subtilezas do espírito teológico.

O problema do mal sempre foi uma fonte de embaraços inextricáveis para as doutrinas deístas e providenciais. Em vão



todas elas têm tentado solucioná-lo, desde a concepção ortodoxa e infantil ao pecado original até a concepção herética e audaciosa do criador malfazejo dos maniqueus.

Estas doutrinas lamentável fracassaram.

Para a filosofia palingenésica, ao contrário, o problema é de excepcional simplicidade:

Ela não mais coloca, na base da evolução, a soberana justiça e a soberana vontade incompatíveis com a existência do mal universal; não mais coloca aí a soberana inteligência, que não saberia encontrar na lentidão infinita, nas tentativas e erros, erros evidentes acumulados para chegar a um resultado ainda medíocre e imperfeito. Não faz mais, então, da soberana inteligência, da soberana justiça e da soberana vontade uma síntese divina intrínseca e criadora. Ela não concebe, esta síntese divina, senão como que uma conquista progressiva, como o coroamento esplêndido de uma lenta e dolorosa evolução.

Assim, a ideia divina, potencial em todas as manifestações físicas e psíquicas da vida universal, se tornaria, no decurso da evolução, a se realizar, primeiramente latente, depois esboçada e obtusa, depois mais e mais evidente e ativa.

O mal não tem então sua origem na vontade, na impotência ou na imprevidência de um Criador responsável.

*O mal é simplesmente a medida de inferioridade dos seres e dos mundos ou a sanção do passado.*

Em ambos os casos, ele está fadado a diminuir na medida do progresso evolutivo e proporcionalmente a esse progresso. Nos dois casos ele é útil: é o principal fator de nosso adiantamento. O mal é o aguilhão que nos impede de nos imobilizarmos no estado presente e que, por suas reações dolorosas, nos conduz ou nos

remete no bom caminho.

Mas — detalhe capital o mal — o mal assim compreendido não tem mais do que um caráter relativo, transitório e sempre reparável.

Se essas concepções são verdadeiras, não há mais mal real, no sentido absoluto que damos a esta palavra, nem mais injustiça no universo, porém, em toda a parte, realizado ou em vias de realização, um ideal superior de bondade, de justiça, de solidariedade e de amor; ideal que traz, para todos os indivíduos, a certeza da felicidade futura no desenvolvimento infinito da consciência eterna.

As outras objeções filosóficas feitas ao espiritualismo dogmático não têm mais valor, em face da doutrina palingenésica, que a objeção do mal.

Caem por si próprias:

1º Objeção baseada na concepção extraordinária e absurda de uma alma imortal, mas tendo, entretanto, tido um começo, saída do nada e destinada, após curta existência, a recompensas ou a castigos sem fim.

Para a palingenesia, a alma não é imortal: é eterna e fadada a uma evolução indefinida.

Para a palingenesia, não há castigos sem fim: só há sanções fatais e passageiras asseguradas por leis inexoráveis da evolução.

Para a palingenesia, enfim, a felicidade suprema não será o privilégio de raros "eleitos": será o apanágio de todos. Não será o efeito de uma graça sobrenatural, nem de vãs práticas rituais: consequência inelutável da diminuição progressiva do mal coincidindo com o aumento indefinido do campo de consciência, deverá ser conquistada pouco a pouco, numa luta cada vez menos

penosa.

2º A objeção baseada na ideia — não menos extraordinária e absurda — de uma alma imaterial:

Para a palingenesia, a inteligência, a força, a matéria, não são concebíveis isoladamente: só são modalidades da substância universal em vias de evolução.

3º A objeção baseada na concepção grosseira — tão bem explorada pelo materialismo — do geocentrismo e do antropocentrismo tradicionais.

A palingenesia está de acordo, neste ponto de vista, como a astronomia, que nos mostra a Terra como um astro medíocre, sem importância especial, e tende a admitir a pluralidade inumerável dos mundos habitados.

Ela está de acordo, igualmente, com a anatomia e a fisiologia comparadas, que provam que nada distingue essencialmente o homem dos animais e que a ideia de uma alma reservada só ao homem é cientificamente insustentável. “A imortalidade” não deveria evidentemente ter começado em uma fase particular da evolução: a da aparição do gênero humano. O processo da encarnação e da desencarnação não é privilégio do homem, é a consequência *de uma lei natural e geral, abrangendo tudo o que pensa, tudo o que vive, tudo o que existe.*

É por isto que a oposição feita à doutrina palingenésica por determinados representantes da filosofia monística é irracional e insustentável.

Sem querer desenvolver aqui, concepções de alta metafísica, ainda evidentemente prematuras, não me posso impedir de assinalar o acordo possível e fácil da palingenesia com o monismo naturalista, que ela felizmente completa.

A alma, isto é, o que existe de "*essencial*" no ser, seria uma mônada individualizada do princípio único. Parcela divina em vias de conquistar a sua divindade, quer dizer, a consciência perfeita de si mesma e de tudo, ela se elevaria através dos reinos inferiores para adquirir pouco a pouco o seu máximo desenvolvimento nos estados humanos e super-humanos que ainda ignoramos.

*O universo manifestado só seria assim composto de mônadas eternas e de agrupamentos efêmeros de mônadas eternas.* Os processos de encarnação e da desencarnação corresponderiam à constituição ou à ruptura de agrupamentos efêmeros.

É nesses e por esses agrupamentos sucessivos que se faria à evolução solidária, evolução que tem por consequência a passagem de energias potenciais em energias realizadas, a aquisição e o desenvolvimento da consciência que resume e condensa todas as potencialidades.

Como se vê a doutrina palingenésica suprime todas as dificuldades opostas ao idealismo, seja em nome da moral, seja em nome da filosofia.

**Chego agora ao ponto de vista científico.**

Este é, evidentemente, o mais importante.

Por mais belas e satisfatórias que sejam as concepções palingenésicas, elas não poderiam prescindir, para satisfazerem à consciência moderna, do apoio de provas científicas.

O que constitui, na realidade, o principal atrativo da ideia reencarnacionista é que ela não é considerada, ou pelo menos não deve ser considerada hoje, como o produto de uma revelação ou de um ensino *a priori*, mas sim como o resultado de uma probabilidade científica, probabilidade essa que, cedo ou tarde — disto estou

certo — se tornará em uma magnífica certeza. Como fiz pelas presunções morais e filosóficas, condensarei primeiramente em uma frase as provas científicas:

A palingenesia é provavelmente verdadeira porque:

**1º Ela está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais, sem estar em contradição com nenhum;**

**2º Ela dá a chave de uma imensidade de enigmas de ordem psicológica;**

**3º Ela se apoia em demonstração concreta.**

Estudemos, sucessivamente, estas três afirmativas:

**1º A filosofia palingenésica está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais.**

Não insistirei neste ponto. Já demonstrei o acordo dessa filosofia com a astronomia, a história natural, a geologia, a paleontologia, a anatomia e fisiologia comparadas etc. Procurar-se-ia, em vão, na massa de nossos conhecimentos, um argumento sério para se lhe opor.

Mas o que há de mais estupendo nessa constatação é o acordo da palingenesia com o evolucionismo. Este acordo é de tal modo perfeito que muitas dificuldades inerentes ao transformismo serão verdadeiramente resolvidas logo, como estou convencido, pelo conhecimento da teoria reencarnacionista.

Já os naturalistas se vêem forçados a admitir que há, na evolução fatores desconhecidos mais poderosos do que a seleção natural e a influência do meio.

Esses fatores essenciais nos serão revelados pelo estudo da evolução anímica correlativa à evolução orgânica, pelo

conhecimento da verdadeira natureza do Ser, de seus princípios constitutivos ainda ocultos.

## **2.º A filosofia palingenésica dá a chave de uma multidão de enigmas de ordem psicológica.**

Os enigmas principais são:

A inerência das principais faculdades e capacidades;

O talento e o gênio;

As desigualdades psíquicas consideráveis entre seres semelhantes pelas condições de nascimento e vida, especialmente entre compatriotas, parentes, irmãos, até mesmo entre gêmeos nascidos e educados em condições idênticas;

As diferenças enormes, paradoxais, entre a hereditariedade física e a hereditariedade psíquica etc.

Que explicações a psicofisiologia clássica tentou dar desses enigmas? Explicações irrisórias que se reduzem a *meias hipóteses, que não suportava mesmo um começo de demonstração*: ela invocou variações, declaradas imperceptíveis e inapreciáveis, do tecido cerebral; causas despercebidas, influências diversas, patológicas ou outras durante a vida intra-uterina, condições ignoradas da geração ou da hereditariedade; formações genealógicas complicadas etc. Em suma, nada preciso, nada de concreto. É a bancarrota da biologia clássica. Com a teoria palingenésica, a obscuridade desaparece instantaneamente.

Os enigmas supracitados têm a sua explicação na pluralidade das existências.

As ideias e as faculdades inatas são aquisições do passado, aquisições que são acessíveis ao Ser mais ou menos cedo ou mais ou menos tarde, conforme as condições orgânicas sejam mais ou

menos favoráveis.

A hereditariedade psíquica talvez exista, mas não é senão a consequência, muito atenuada, da hereditariedade física. Na realidade, o caráter e as faculdades que o Ser traz ao nascer são, antes de tudo, o produto de sua própria evolução. Compreende-se, desde então, como às vezes as faculdades e as ideias inatas podem manifestar-se muito cedo, mesmo antes do desenvolvimento completo do órgão cerebral.

Explicamos imediatamente as *crianças prodígios*. Bem sei que se objetou que as crianças prodígios na maioria das vezes não eram mais do que prematuros e raramente conservavam, adultos, o que prometiam quando crianças. Isto é perfeitamente exato, mas isso não prova nada... As “crianças prodígios” não são necessariamente crianças de gênio; porém a noção das aquisições anteriores se manifestam plenamente — repito-o — antes do desenvolvimento completo do cérebro; sobra a explicação mais simples, senão a explicação exclusiva de sua precocidade. De resto, se a precocidade nem sempre é a marca de gênio, às vezes ela é, entretanto, a indicação dela: Mozart e Pascal, para não citar senão os mais conhecidos exemplos, foram crianças prodígios antes de se tornarem homens de gênio.

"Houve um homem — escreveu Chateaubriand no seu *Gênio do Cristianismo* — que aos dois anos de idade, com *linhas e círculos*, criou a matemática; que aos dezesseis fez o mais sábio tratado de seções cônicas que já se viu desde a Antiguidade; que aos dezenove reduziu à máquina uma ciência que existe inteiramente no entendimento; que aos vinte e três demonstrou os fenômenos do peso do ar e destruiu um dos grandes erros da física antiga; que a essa idade em que os outros homens começam apenas a nascer,

tendo acabado de percorrer o círculo dos conhecimentos humanos, se apercebeu do seu nada e voltou seus pensamentos para a religião; que desde esse momento até a sua morte, chegando aos trinta e nove anos, sempre enfermo e sofrendo, fixou a língua que falaram Bossuet e Racine, deu o mais perfeito modelo de bom humor como do mais forte raciocínio; enfim, que, no curto intervalo dos seus males, resolveu por abstração um dos mais altos problemas da geometria e lançou no papel pensamentos que têm tanto de Deus quanto do homem; esse extraordinário gênio chamava-se Pascal”.

Os psicólogos oficiais podem muito bem lançar adiante suas pequenas hipóteses fisiológicas, invocar as "causas despercebidas" e as "influências obscuras" e eles não chegarão a explicar o "assombroso gênio" de Pascal, nem o gênio em geral.

Pois mais que façam apelo às causas mórbidas, não manterão mais do que o opróbrio de terem introduzido ou tolerado na ciência contemporânea a mais vã, a mais louca e a mais monstruosa das hipóteses.

Por mais que pesquisem as condições hereditárias, quase sempre desproporcionadas, incontráveis e realmente ausentes, eles não farão mais do que se enganarem.

Em nome do bom senso, em nome da evidência, nós lhes respondemos: "A existência e a importância de vossas pretensas 'influências obscuras' se acham tão pouco demonstradas que não podeis sequer defini-las com exatidão!"

A hipótese da morbidez só vos faz aumentar essa contradição insustentável de declarar a força física função da saúde e a força intelectual função da doença!

Quanto à hereditariedade, o seu papel é tão apagado e



secundário na psicologia quanto importante e predominante na fisiologia. O gênio e as altas faculdades intelectuais não provêm mais dos ascendentes como não se transmitem aos descendentes.

Estes fatos são fatos de observação diária; é em vão que vos insurgis contra eles.

Repelindo preconcebidamente a hipótese palingenésica, vós só a podeis substituir por um formidável “ponto de interrogação!”

3º Resta-me discutir o terceiro argumento de ordem científica, aquele das **demonstrações positivas**.

Essas demonstrações a doutrina as tomou emprestado — com as presunções precedentes — da psicologia, mas da psicologia talqual que resulta de descobertas e pesquisas mais recentes, abrangendo, da *psicologia integral* abraçando de uma só vez a psicologia normal, anormal e supranormal.

A psicologia integral prova duas coisas:

- a) A possibilidade teórica das reencarnações;**
- b) Sua probabilidade.**

a) A *possibilidade teórica das reencarnações* surge com evidência dos modernos trabalhos *sobre a subconsciência e a criptomnésia*.

Conhecia-se, desde há muito, a importância do subconsciente nas mais elevadas manifestações intelectuais. Conhecia-se do mesmo modo a existência da criptomnésia; sabia-se que numerosos recordações — aparentemente esquecidos — não estavam, entretanto, apagados e podiam reaparecer bruscamente sob diversas influências (emoção, perigo, doença etc.).

Contudo, recentes descobertas psíquicas provaram que a importância do subconsciente e da criptomnésia era infinitamente

maior do que se pensava. As pesquisas sobre o mecanismo do gênio, o estudo dos casos de personalidades múltiplas no mesmo indivíduo mostraram a espantosa complexidade do inconsciente.

Depois, o estudo do hipnotismo e do sonambulismo, sobretudo o estudo dos fenômenos mediúnicos, estabeleceram o seu papel predominante na psicologia anormal e supranormal.

Demonstrou-se, atualmente, que uma porção essencial do Ser pensante — porção que parece cada vez mais vasta e complicada — escapa, na maior parte, na vida normal, à consciência e à vontade e fica latente e oculta.

Desde então cai por si mesma a objeção capital que se fazia outrora à palingenesia: *a objeção do esquecimento*. Que a criptomnésia se estenda além da existência atual, nada mais fácil agora de se compreender. Que esse subconsciente, tão misterioso e tão profundo contenha em si a lembrança e as aquisições das vidas passadas, nada há de mais lógico nem de mais racional.

Ser-nos-á doravante fácil estabelecer que a palingenesia não é somente possível, mas que ela é provável. Digo provável, não digo certa. Nada foi feito, até o presente, de demonstração direta e suficiente da realidade das existências anteriores.

As experiências por De Rochas<sup>1</sup> sobre a regressão da memória foram para mim um encorajamento à continuação das pesquisas neste sentido. Elas não são até agora concludentes. Não se soube, com efeito, eliminar a parte da sugestão mental do operador defronte da sensitiva ou da autosugestão deste último.

Das experiências de De Rochas há pelo menos uma verificação precisa a registrar: é a unanimidade dos sujeitos em afirmar a

---

<sup>1</sup> Menção ao engenheiro militar, historiador e pesquisador espiritualista francês Albert De Rochas (1837-1914), célebre estudioso do Magnetismo Animal e demais fenômenos espirituais — Nota do editor.

reencarnação. Todos, quaisquer que fossem a sua origem, a sua educação, o seu nível intelectual, os seus princípios religiosos, declararam *espontaneamente* que atravessaram por outras vidas. Construíram quase sempre, sobre esse dado, romances do valores diversos, na maioria das vezes inverificáveis; mas o fato da unanimidade e da espontaneidade de suas afirmativas referentes à pluralidade das existências não é um fato negligenciável. Prova, pelo menos, a realidade de um instinto profundo, de uma intuição que repousa sem dúvida numa base séria.

Excetuentes as experiências sobre a regressão da memória, observações tendentes a provar a reencarnação foram recentemente publicadas. Os leitores das revistas metapsíquicas as conhecem bem e algumas delas são realmente impressionantes; mas são ainda pouco numerosas para levar à convicção. Uma reserva mais forte ainda deve ser feita no que concerne aos fatos de "*déjà vu*", às impressões pessoais, às vagas reminiscências que muitos sensitivos pretendem ter conservado de existências anteriores...

Essas reminiscência certamente têm a sua importância para aqueles que as experimentam; mas o seu valor objetivo e demonstrativo é evidentemente nulo.

Na falta de uma demonstração direta, que será obra do futuro, a palingenesia tira o seu caráter de probabilidade, de provas indiretas, provas essas solidamente estabelecidas. Podemos resumi-las assim:

O estudo da psicologia integral e especialmente do metapsiquismo demonstra a presença no Ser princípios dinâmicos e psíquicos de ordem superior, ao mesmo tempo subconscientes e exteriorizáveis. *Esses princípios aparecem nitidamente como que*

*independentes do funcionamento orgânico.*

Eles formam uma síntese complexa cujos elementos constitutivos só provêm em mínima parte de aquisições da personalidade consciente e da existência atual. Os elementos constitutivos têm a sua origem, verossimilmente, numa dupla evolução:

Uma evolução terrestre, nas existências sucessivas, evolução correlativa à evolução orgânica, desenvolvendo as faculdades ditas normais.

Uma evolução extraterrestre para as fases da desencarnação, desenvolvendo as faculdades supranormais, leitura do pensamento, clarividência, etc., essas últimas ficando geralmente latentes nas fases da encarnação. É a hipótese dita *a consciência subliminal ou do Ser subconsciente*.

Não posso deixar de recordar aqui, conquanto sucintamente, as bases lógicas desta teoria, nem em refazer a sua demonstração. Contentar-me-ei remetendo o leitor aos trabalhos originais, em dizer que esta concepção é lógica, que decorre naturalmente de fatos sem estar em contradição alguma, que apresenta a seu favor uma série de provas assaz fortes e muito impressionantes, suficientes para explicar todos os fenômenos obscuros da psicologia integral; enfim, que ela não foi ainda refutada.

O Professor Morselli<sup>2</sup>, embora hostil à teoria, não teme declarar:<sup>3</sup>

"Esta hipótese (do Ser subconsciente) está edificada com uma grande habilidade dialética; é certamente a tentativa mais séria que conheço, que se tentou neste sentido."

---

<sup>2</sup> Em referência ao italiano Enrico Morselli (1852-1929), médico psiquiatra e pesquisador dos fenômenos espirituais — Nota do Editor.

<sup>3</sup> *Annales des Sciences Psychiques*, de maio de 1947.

Fica-se, desde então, autorizado a perguntar por que o ilustre psicólogo não ensaiou mesmo refutar, ponto por ponto, esta tentativa tão "séria" de explicação. Sua refutação não consiste em afirmar, *a priori*, a origem orgânica das forças inconscientes e exteriorizáveis, quando os fatos, o raciocínio lógico e as induções racionais protestam contra essa asserção gratuita.

Em suma, a ciência oficial, pelos órgãos dos seus representantes, ainda se comporta frente aos fenômenos obscuros da psicologia anormal do mesmo modo que para com os fenômenos obscuros da psicologia normal. Detém-se a meias hipóteses, a meias suposições vagas, imprecisas e indemonstradas.

Morselli nos fala mais de "forças ainda ignoradas, de poderes ainda indeterminados do organismo humano, de faculdades ainda indefiníveis e incompreensíveis etc."<sup>4</sup>

Estas nebulosas teorias, outras ainda, puramente verbais, não poderiam ser opostas, a menos que por uma refutação prévia, em regra, à teorias límpidas, precisas, documentada e completa da consciência subliminal ou do Ser subconsciente.

Ser-nos-á, pois, logicamente permitido concluir:

Existe uma hipótese que, de acordo com todos os dados da ciência, contemporânea e na condição única de ser aceita integralmente, *explica todos os fenômenos obscuros da psicologia normal, da psicologia anormal, da psicologia supranormal e mesmo da psicologia patológica.*

*Esta mesma hipótese suprime, por acréscimo, todas as dificuldades de ordem moral e até de ordem metafísica que se levantam ante a consciência e a inteligência desde a origem da humanidade.*

---

<sup>4</sup> *Annales des Sciences psychiques*, maio de 1907.

Ela é, portanto, seguramente fecunda e provavelmente verdadeira, ao menos em suas grandes linhas gerais, conforme o critério de Russell Wallace.<sup>5</sup> “Não existe prova mais convincente da verdade de uma teoria geral do que a possibilidade de fazer-se incluir nela fatos novos e de interpretar, por seu intermédio, fenômenos considerados antes como anomalias inexplicáveis.”

Que os psicólogos oficiais não admitam com entusiasmo a teoria palingenésica, revolucionária, não obstante sua luminosa simplicidade, que se mantenham sob a reserva; isto se compreende, é natural, é humano. Mas que, malgrado os trabalhos conscienciosos feitos a seu respeito, malgrado o feixe sólido de provas estabelecidas por esses trabalhos, que eles a desdenhem sistematicamente e que se recusem discuti-la, como que por hipótese de estudo, é verdadeiramente inadmissível. Isto, aliás, lhes será logo impossível, segundo uma célebre fórmula: *a verdade está em marcha e nada a poderá deter*.

Uma última questão me resta a tratar. Vós perguntais aos vossos colaboradores, meu caro amigo, qual é a opinião deles sobre a importância social da doutrina palingenésica, sobre suas relações com o espírito religioso, sobre seu papel provável da evolução futura da humanidade. Antes de responder, parece-me indispensável um breve recorte histórico. O conhecimento do seu papel no passado é necessário para compreender bem o que lhe reserva o futuro.

A história da doutrina se resume assim nas suas grandes linhas: a ideia reencarnacionista, de acordo com documentos que possuímos, é geral no início da evolução humana; é a doutrina

---

<sup>5</sup> Alfred Russel Wallace (1823-1913) foi o grande naturalista, geógrafo, antropólogo e biólogo britânico, coautor da teoria da evolução das espécies, ao lado de Charles Darwin — Nota do Editor.

natural da humanidade na sua infância. Mas logo essa ideia se obscurece, se perde, não é mais conservada senão por uma pequena minoria. É somente mais tarde ela reaparece, sem dúvida chamada a se tornar predominante na humanidade altamente evoluída. A teoria dos "extremos" se verifica assim uma vez mais.

O ciclo evolutivo é muito fácil de se compreender:

A admissão da ideia reencarnacionista, mais ou menos precisa ou mais ou menos deformada por superstições diversas, pela humanidade na infância (e ainda em nossos dias pelos povos selvagens) é a consequência de um instinto correspondendo, na realidade, a reminiscências ainda não perturbadas por concepções teológicas ou filosóficas.

Sinto obscuramente que eu vivi sempre.

E que transmigrei em formas sem numero...

dizia o poeta Jean Lahor.

O que um poeta altamente evoluído pode pensar por divinação, os homens primitivos o pensavam por instinto.

Sua candura psicológica lhes permite sentir sem esforço que eles sempre viveram e transmigraram em formas sem conta.

*Mas a ideia reencarnacionista é ao mesmo tempo simples na sua moral e muito complexa na sua filosofia para a humanidade em via de desenvolvimento mental.*

Com efeito, sua filosofia integral está há muito tempo inacessível à massa; e a perspectiva, mal considerada, de uma evolução sem fim, de esforços ilimitados, não satisfaz ao homem medíocre ou médio.

A sua moral, de outra parte, não lhe oferece senão um apoio precário, pois a simples noção da justiça imanente não serviria de

freio suficiente a paixões desordenadas e poderosas.

O misticismo e as teorias sobrenaturais têm então mais atração; a concepção de um além misterioso com as suas sanções de felicidade perfeita ou de sofrimentos sem fim tem mais influência, tanto que elas são consideradas como uma verdade indiscutível e indiscutida.

Por estas duas razões — filosófica e moral — os fundadores de religiões, os instrutores da humanidade e os profetas se afastaram rapidamente, por reflexão consciente ou por intuição subconsciente, da ideia palingenésica. Quando não a proscreveram, evitaram pelo menos ensiná-la à multidão e a substituíram, *por ela*, pela concepção grosseira, porém mais chocante da criação *ex nihilo*,<sup>6</sup> dos deuses ou de um deus todo poderoso, do juízo final, do paraíso e do inferno.

Não se deve ter medo de dizer: esses instrutores, nas suas épocas, não estavam errados. A ideia reencarnacionista, repito-o, exige — *para ser bem compreendida, para adquirir todo o seu valor prático* — um desenvolvimento elevado da consciência e da inteligência.

Não existe aí, salientamos bem, uma simples visão do espírito, mas um fato de experiência. Um exemplo muito simples fará com que se compreenda o meu pensamento:

Um reencarnacionista elevado não admitirá mais as divisões factícias da humanidade e não verá mais nelas senão manifestações, fadadas a desaparecer, de uma civilização rudimentar. Para ele, o mal será, antes de tudo, o resultado, como o disse, da inferioridade evolutiva geral dos seres e dos mundos. Ele

---

<sup>6</sup> Expressão em latim equivalente a “do nada”; a expressão completa é *Ex nihilo nihil fit* semelhante a “nada surge do nada”, comumente aplicada à ideia de que tudo tem uma fonte criadora (no caso, em Espiritismo: Deus) — Nota do Editor.



se esforçará então, por toda a parte que lhe seja possível, suprimir ou atenuar o mal.

O reencarnacionista primitivo, ao contrario, tirará voluntariamente de sua doutrina uma conclusão diferente:

Ele julgará que se tal homem ou tal grupo de homens sofrem, quer seja por uma condição política e social defeituosa, quer seja por uma prova qualquer, é unicamente por consequência de faltas cometidas numa ou noutras existências antigas.

Ele não procurará então fazer cessar essa situação dolorosa, considerada por ele temo um castigo merecido, inevitável e útil.

Compreende-se, agora, por que os reencarnacionistas hindus mantêm asperamente o odioso regime das castas e se eternizam na ignorância e na miséria.

O exemplo da Índia é típico, aliás, para mostrar a inferioridade relativa da ideia palingenésica entre pessoas de um nível inferior ou médio. Lá coabitam trezentos milhões de seres da mesma raça, submetidos às mesmas condições ambientes, mas de religiões diversas. Ora, de acordo com os relatos unânimes de antigos governadores ingleses, não é duvidoso (para não falar senão das duas religiões dominantes) que a massa dos hindus muçulmanos não seja muito superior à dos hindus bramanistas. A moral destes últimos não é senão uma caricatura desfigurada da verdadeira moral reencarnacionista e a sua filosofia está obscurecida e velada pelas práticas mais supersticiosas e tolas que se podem imaginar.

Este exemplo é típico e concludente.

As religiões reveladas têm então, com toda a evidência, desempenhado um papel indispensável na evolução: as suas concepções simplistas e crédulas eram necessárias na longa fase pré-científica desta evolução.

Assim, não se deve ficar espantado com o obscurecimento progressivo da ideia palingenésica durante as primeiras grandes etapas da civilização humana. Admitida ainda, ao menos como doutrina secreta, pelas principais religiões da Antigüidade pagã, ela parece apagar-se com o advento do Catolicismo e do Islamismo.

Permaneceu, entretanto, o privilégio de um pequeno número de pessoas, porém privilégio absolutamente oculto. Os pensadores isolados que quiseram, apesar de tudo, ensiná-la no Ocidente, foram ou bastante incompreendidos ou muito martirizados, como Giordano Bruno.

A doutrina, desde então, não foi mais transmitida a não ser pela iniciação, mais ou menos deformada ou adulterada, encaixada em ensinamentos parasitas ou oculta sob símbolos misteriosos: era a doutrina predominante das sociedades secretas.

Mas a evolução seguiu o seu curso, as primeiras generalizações da filosofia científica e os progressos da consciência humana vieram em nossos dias abalar os dogmas, mostrando a naturalidade deles.

O materialismo parecia dever triunfar. Então a ideia palingenésica reapareceu claramente, imediatamente adotada por uma elite. No decurso do século XIX, antes mesmo de toda tentativa de uma demonstração positiva, numerosos pensadores eram reencarnacionistas. Muitos deles, por razões pessoais, evitavam tomar parte dela publicamente; mas outros tiveram mais coragem. Fourier, Pierre Leroux, Esquiros. Godin, Pezzani, Charles Bonnet, Jean Reynaud, Schopenhauer, entre os filósofos; Henri Martin, Michelet, Georges Sand, Lamartine, Théophile Gauthier, Balzac, Gérard de Nerval, Victor Hugo, Sardou, entre os escritores e outros ainda, cujos nomes me escapam no momento, acreditavam na

reencarnação e não a ocultavam.

Desde o começo das investigações metapsíquicas, o número dos partidários da doutrina cresceu de uma maneira regular e contínua (deixo de citar nomes conhecidos de todos). Estamos, com efeito, na aurora da terceira fase evolutiva, a fase da filosofia científica.

A palingenesia, com o seu cortejo bem compreendido de consequências metafísicas, *morais e sociais*, repousará, no futuro, sobre bases sólidas e a partir daí inabaláveis.

Mas o que é preciso proclamar bem alto é que, sob a pena de um recuo cujas consequências para a humanidade seriam absolutamente nefastas, ela deve subtrair-se sem reservas à tirania de pretensos ensinamentos, baseados em supostas revelações ou em pretensas iniciações.

Ela triunfará tanto mais cedo sobre o materialismo e o dogmatismo, pois só requererá o método positivo, *sendo este último o único capaz de realizar a união indispensável, harmoniosa e fecunda entre a intuição de um lado, a observação, a experimentação e a razão de outro*. Não será demais insistir, com efeito, na necessidade de não se separarem, na pesquisa da verdade, estes fatores essenciais de todo o progresso, tanto no domínio moral como no domínio material.

A observação, a experimentação e as deduções racionais são geralmente de valor medíocre, quando não guiadas por uma ideia intuitiva ou associada a ela. A maior parte das grandes descobertas estiveram no entendimento do homem antes de serem realizadas. As grandes hipóteses sempre precederam as demonstrações e as verificações.

Isto é verdade, mas, de outra parte, a intuição sozinha é

inteiramente impotente. Quando ela pretende passar sem o auxílio da razão e da experiência fica fatalmente condenada a permanecer vã, sem influência ou alcance, ou a mergulhar-se nas contradições. Os abusos da intuição são mais graves e menos facilmente reparáveis do que os abusos da razão. Devemo-lhes a diversidade e, por acréscimo, a inanidade dos sistemas filosóficos edificados *a priori*: a diversidade e a inanidade das doutrinas ocultistas.

O método intuitivo, sistematicamente isolado, conduz pura e simplesmente ao misticismo, ou melhor, a despeito de paradoxos brilhantes e ruidosos, não se distingue do misticismo.

Ora, certas escolas reencarnacionistas — é preciso dizê-lo bem — estão ainda lamentavelmente impregnadas desse misticismo, imbuídas das velhas tradições de grimórios de magia ou de espírito atávico do método teológico.

Elas têm ainda as suas doutrinas secretas, os seus dogmas, os seus pontífices, seus magos e seus iniciados. Têm até, no Além, os seus "senhores do Carma", os seus semideuses e os seus anjos mais ou menos laicizados!

Uma dessas escolas, pela boca de sua grande profetiza, chegou a anunciar, solenemente, ao mundo, a vinda de um novo messias!

Desta vez, a medida permitida excedeu-se e nosso direito e nosso dever é o de gritar: Alto lá!

Sob o risco de contristar os crentes, inclusive eminentemente respeitáveis, dessas neoreligiões, e fazendo abstrações de amizades e de simpatias pessoais, tenhamos a coragem de lhes dizer: "Não queremos mais equívocos! Nem mais comprometimentos! Não há conciliação possível entre o vosso método e o nosso. As extravagâncias de que sois culpados só poderão retardar, se a propaganda insensata dos vossos 'mestres'

tiver algum sucesso, o futuro da filosofia palingenésica, que nos é igualmente cara.

*“A era das revelações, a Era das profecias terminou para sempre. Não há mais lugar na consciência moderna para um misticismo fora de moda, tornado de agora em diante exclusivamente malfazejo.*

*“A obra definitiva de emancipação intelectual e moral não poderá mais depender senão de pesquisas, estritas e exclusivamente científicas, sobre a verdadeira natureza do Ser e o seu destino.*

*“A filosofia do futuro será clara, simples e magnífica, a **filosofia da ciência.**”*

*Dr. Gustave Geley*

# Opiniões expressas na investigação sobre a Reencarnação do Dr. Calderone

“Uma lei de evolução do Ser que, através das etapas indefinidas do seu devir, acaba por atingir uma consciência pessoal perfeita.”

**DR. INNOCENZO CALDERONE.**  
Diretor da Filosofia della Scienza.

“Se o Monsenhor Passavali viu mais longe do que certos teólogos, o que isso importa? O astrônomo é culpado quando, para sua pesquisa, ele se serve de um poderoso telescópio, em vez de óculos?”

**Attilio BEGEY.**

“Uma das ideias cristãs destinadas ao nosso tempo, dessas ideias que Deus guarda sob o véu dos mistérios evangélicos, e que vai revelando aos poucos ao homem adulto, às almas que delas precisam”.

**Senador Tancredi CANONICO,**  
Presidente da Suprema Corte de Cassação

“A hipótese da reencarnação parece muito aceitável para mim.”

**Docteur J. MAXWEL,**  
Procurador-Geral da Corte de Bordeaux.

“Certamente a reencarnação teria consequências morais incalculáveis, dependendo de tanto mais ou menos vidas passadas.”

**C. O. ZURETTI,**  
Professor da Universidade de Palermo.

“A reencarnação seria o restabelecimento de um paraíso e de um inferno, não mais agudo, mas imanente. Seria o triunfo do mérito e da virtude pelo efeito da ação.”

**A. FERRIÈRE,**

B. Professor da Universidade de Genebra.

“O valor moral e social da doutrina (da reencarnação) emerge da forma mais clara e óbvia das palavras de Giuseppe Mazzini sobre as existências sucessivas.”

**Francesco PORRO,**

Professor da Universidade de Gênova.

“Entre todos os sábios do Oriente e do Ocidente que aceitaram esta doutrina: Dante Alighieri, que se acreditava ser a reencarnação de Trajano.”

**Paolo Visani SCOZZI,**

Doutor em Florença.

“Acredito que o fenômeno mais saliente e que melhor milita a favor da reencarnação é o dos prodígios calculistas, entre os quais as crianças dos 3 aos 10 anos.”

**Giuseppe di GIORGI,**

Engenheiro em Palermo.

“Os meninos prodígios trazem consigo o germe de uma faculdade excessivamente desenvolvida na vida anterior e que na vida atual se afirma rapidamente.”

**Charles LANCELIN,**

O autor de *L'Occultisme et la Science*.

“A melhor e a mais antiga de todas as crenças.”

**Schopenhauer,**

O filósofo, autor de *Mémoires sur les Sciences Occultes*.

“A doutrina da reencarnação e das vidas sucessivas é a única que lança uma luz viva sobre o problema do destino humano. Sem ele, a vida apresenta apenas contradições, incertezas, trevas. Só ela explica a infinita variedade de personagens, atitudes, condições.”

**Léon DENIS,**

O Apóstolo do Espiritismo.

“Nunca houve crença mais bela, mais justa, mais pura, mais moral, mais fecunda, mais consoladora e até certo ponto a mais provável.”

**Maurice MAETERLINCK,**  
O autor de *La Mort*.

“O reverendo Forbes relata que um clérigo, visitando uma fortaleza romana, afirmou lembrar-se claramente de que havia exercido um cargo ali durante a era romana.”

**Vincenzo TUMMOLO,**  
Professor de universidade.

“No Evangelho gnóstico, *Pistis Sophia*, encontramos muitas alusões à ideia dos renascimentos. Sinésio, bispo de Ptolemaica (350 - 431), acreditou nisso.”

**R. G. MACBEAN,**  
Cônsul Britânico na Sicília.

“Nos escritos dos Pais da Igreja, Orígenes deu o ensinamento mais claro da preexistência da alma.”

**E. IZARD,**  
Palácio do Príncipe, em Mônaco.

“Como as palavras de Platão ficaram claras para mim: aprender é apenas lembrar!”

**Decio CALVERI,**  
Em Roma.

“Atualmente não há falta de clérigos cultos que acreditaram ou acreditam na teoria da reencarnação.”

**Enrico CARRERAS,**  
Em Roma.

“Encontramos traços mais ou menos óbvios disso em Franklin, Victor Hugo, Goethe, Fichte, Schelling, Lessing e Hunie, que declararam que a reencarnação é a única doutrina da imortalidade digna de ser levada em consideração por um filósofo.”

**Sr. Antonio TARANTO,**  
Conselheiro da Corte de Palermo.



“É uma doutrina ‘original e profunda’, uma das maiores que o pensamento religioso alguma vez concebeu” (Fouillée); e de tal forma que “apenas pensadores temerários poderiam rejeitá-lo como absurdo.” (Huxley)

**Luigi nola PITTI,**  
Editor,  
*Em Filosofia della Scienza.*

“Esta teoria não só não é de forma alguma anticientífica, mas é conciliável com a grande doutrina do monismo, a ponto de se poder confundir com ela.”

**Cesare de VESME,**  
Autor da *Historie du Spiritualisme Expérimental.*

“A pluralidade de existências da alma é a teoria que não apresenta em si nenhuma contradição, nenhuma antinomia; que concorda com certos fatos; que se baseiam na observação e experimentação; tem todos os requisitos para ser aceito pela ciência.”

**Gabriel DELANNE,**  
Engenheiro da Escola Central,  
utor de *Documents pour servir à l'étude de la Réincarnation.*

“A reencarnação diz a todos os homens: ‘A vida é o tempo da sementeira, agora semeie o que você quiser colher para depois. Porque a justiça existe e tudo o que você faz tem valor para o futuro’.”

**Pierre CORNILLIER,**  
O autor de *La Survivance Humaine.*

“A doutrina da reencarnação concilia perfeita e sublimemente as exigências da expiação ou reparação com a justiça, o amor e a paternidade divina de nossa alma.”

**Um Padre Católico,**  
(Conhecido do Dr. Calderone),  
Doutor em Teologia.

